

Uma leitura crítica da teoria do Pós-desenvolvimento

Ana Fantasia (CEsA.UL)e Pedro Pereira Leite (CES.UC)

Neste trabalho efetuamos uma leitura crítica do artigo “Post-development as a concept and social practice”, de Arturo Escobar (2007) inserido no livro “Exploring Post-Development: Theory and Practice, Problems and Perspectives” editado por Aram Ziai, Routledge, pp 18 - 31

Nesse artigo de Arturo Escobar apresenta uma síntese detalhada da sua crítica ao conceito de desenvolvimento e propõe um novo fundamento epistémico para o conceito de desenvolvimento.

Após uma revisão sobre a emergência do conceito de desenvolvimento e das várias críticas que têm vindo a surgir desde os anos oitenta, Escobar argumenta, perante a desadequação do conceito, sobre a necessidade duma transição paradigmática onde é essencial formular uma conceção que traduza o pensamento e a prática sobre as possibilidades de construção de formas alternativas de gerir a mudança social. O artigo desenvolve em seguida os fundamentos da crítica ao conceito de desenvolvimento, contextualiza a emergência da crítica feita pelo pós-desenvolvimento para terminar com a argumentação sobre a possibilidade de pensar a emergência do mundo global com uma nova forma de olhar para as possibilidades de uma ação inovadora no mundo.

Arturo Escobar é um autor que se insere numa corrente do pensamento crítico sobre a teoria do desenvolvimento, que argumenta que o conceito e a sua prática resultam duma visão do mundo eurocêntrica. Esta corrente crítica afirma que o desenvolvimento é uma forma ideológica de imposição da hegemonia europeia sobre o resto do mundo. Escobar é considerado um dos autores de referência da teoria crítica ao desenvolvimento. A sua abordagem teórica é influenciada pela tradição dos estudos pós-coloniais e pos-estruturalistas. A sua obra é vasta. Em “Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World (1995), o autor apresenta a base dos seus argumentos sobre a teoria do pós-desenvolvimento. De seguida, em 1998 publica “Territories of Difference: Place, Movements, Life, Redes, e em 1999 uma colecção de ensaios em espanhol, “El final del salvaje. Naturaleza, cultura y política en la antropología contemporánea”, onde elabora argumentos sobre as relações com os saberes locais e o ambiente. Na sua obra “Más allá del Tercer Mundo. Globalización y diferencia”, publicada em 2005, aborda a questão da produção das subalternidades. Em 2010, no seu artigo “Latin América at Crossroads: alternativa modernizations, post-liberalism, or post-development?” analisa a questão das transformações culturais, económicas e política durante a primeira década do milénio na América do Sul.

Este texto elaborado em 2007, para inserção na obra de Aram Ziai sobre o Pós-desenvolvimento, pode-se considerar como uma síntese das análises do autor sobre esse conceito. Nele Escobar efetua uma crítica radical ao discurso e à prática do desenvolvimento e explora visões alternativas para uma era de “pós-desenvolvimento”. Uma crítica que afirma a impossibilidade de que a ideia do desenvolvimento, criada com base no modelo de industrialização das sociedades ocidentais, possa ser aplicada nas sociedades do sul. Trata-se (a proposta do desenvolvimento) duma proposta externa aos fenómenos destas sociedades,

que necessita de ser reformulada a partir dum discurso feito do seu interior, isso é construído a partir dos saberes e experiencias locais.

O texto inicia-se com a análise do processo da crítica ao conceito de desenvolvimento. Situa a génese dessa crítica no livro coletivo, editado em 1992, com o título “Dicionário do Desenvolvimento” (Sachs, 1992). O desenvolvimento, nesse livro, surge como um conceito vazio. Uma palavra que significava tudo, que legitimava todas as ações, mas que se tornava impossível de precisar como conceito operacional.

Da querela entre Crescimento e Desenvolvimento Económico, das teorias da modernização económica através dos investimentos em ciência e tecnologia, às críticas da teoria da dependência e do subdesenvolvimento, emerge nessa altura a necessidade de uma postura crítica a esse conceito. A consciência de que é um conceito criado pela ciência ocidental, que mantém a relação hierárquica entre o norte e o sul e que constitui a base dum discurso de legitimação do domínio do mundo ocidental leva a análise daquilo que é a sua prática. Um conjunto de ações que mais não faz do que perpetuar essa hegemonia. O pós-desenvolvimento é um primeiro passo para essa crítica.

É certo que essa crítica feita pela teoria do pós-desenvolvimento apresenta uma analogia com os debates que então se faziam sobre o pós-modernismo e o pós-estruturalismo sobre as práticas discursivas. Essa consciência sobre o discurso conduziu à procura de alternativas aos discursos hegemónicos nas diferentes organizações internacionais. Afirmar-se que o “discurso sobre o desenvolvimento” mais não faz do que reduzir os problemas a um conjunto de procedimentos a executar. Uma receita que os técnicos das diferentes organizações internacionais implementavam nos diferentes países sem atenderem às especificidades e necessidades locais. O pós-desenvolvimento deveria por isso incluir, na sua reflexão, a possibilidade de construção de alternativas, esgotadas que estavam, na época, os modelos e experiencias de economias colectivistas.

Esses trabalhos levaram também ao questionamento sobre a “profissionalização das questões do desenvolvimento”, através da consciência de que a padronização dos procedimentos e dos programas sobre o desenvolvimento levava à exclusão dos conhecimentos e das capacidades locais. A crítica ao desenvolvimento começa a revelar que, os programas de ajuda ao desenvolvimento não eram mais do que formas de reprodução e de subordinação das diferentes economias dos países do sul às lógicas dos mercados de capitais da economia global. Finalmente, a crítica ao pós-desenvolvimento vem também chamar a atenção para que nos processos de desenvolvimento, embora as suas práticas fossem feitas em nome dos pobres e dos desfavorecidos, os resultados desses programas raramente produziam resultados que os beneficiavam.

Com base nessa crítica ao conceito de desenvolvimento, a proposta de pós-desenvolvimento acaba por se sintonizar com as correntes de pensamento que questionam os tradicionais campos de conhecimento, propondo abordagens interdisciplinares para a compreensão dos fenómenos sociais.

É através dessa relação interdisciplinar que a teoria do pós-desenvolvimento acaba por recolher contributos críticos operados no campo dos estudos culturais, da teoria e ética

feminista e dos estudos ambientais. Escobar sugere que se poderá estar perante um quarto momento da história sociológica do desenvolvimento. Um momento em que se toma consciência de que o discurso sobre o desenvolvimento fez obliterar os diversos problemas que ele deveria resolver, tais como a fome e a pobreza que são gerados pelo processo de organização económica capitalista e neoliberal.

A necessidade de legitimar o processo de desenvolvimento, como um processo generalizado de transformação económica, levou também à necessidade de, em nome do desenvolvimento, impor formas de modernização, organização institucional e política, que confrontou muitas das instituições locais e tradicionais, criando processos de relações complexos entre diferentes formas de organização. Esse reconhecimento levou ao descobrimento da importância do local. A emergência do local, no âmbito da teoria do desenvolvimento conduziu a uma certa “romantização” das tradições locais e à valorização dos movimentos sociais de base local, ignorando que esses movimentos e a organização social que os enquadra são também resultados de complexas relações de poder que os processos de desenvolvimento afrontavam.

Ao fundamentar a crítica da Teoria do Desenvolvimento com base na teoria crítica do contexto do pensamento social do seu tempo, o pós-desenvolvimento introduz na agenda do desenvolvimento as questões sobre a pobreza, a fome e a violência enquanto problemas reais que afetam milhões de seres humanos vítimas da desigual distribuição da riqueza e do acesso aos benefícios dos recursos do planeta. O pensamento crítico vem tornar mais nítido o facto de que a análise dos fenómenos sociais é uma relação complexa. Chama a atenção para a essência do modelo teórico como representação duma realidade abstracta, que não pode deixar de ser desenvolvido de forma crítica sobre uma realidade pré-existente.

Sintetizando, o contributo sobre a crítica ao discurso do desenvolvimento havia acentuado a natureza hegemónica do discurso científico do ocidente, construído para dominar a natureza e legitimar a apropriação dos recursos naturais pelas ações do desenvolvimento. Tornou mais nítida a questão de que a ciência eurocêntrica é um discurso sobre a realidade e uma forma de ação sobre esse real em função de fins que legitimam os processos. Essa consciência permite formular uma crítica radical às ações sobre o desenvolvimento a partir da sua legitimação. A questão de que as necessidades do desenvolvimento não são mais do que práticas discursivas que se constituem como reflexos de pensamento ocidental hegemónico.

Através dessa formulação a teoria crítica do pós-desenvolvimento não só acentua a consciência de que as necessidades materiais são culturalmente construídas e mais não fazem que perpetuar relações de dominação, como afirma a necessidade de procurar formas alternativas de intervenção, fora do pensamento hegemónico ocidental.

As análises feitas a partir dos movimentos sociais acabaram por revelar que as suas agendas não se constituíam como base material ou assistencialista, mas sim uma agenda com base em direitos cívicos, identitários ou mesmo culturais. Movimentos que reivindicam formas de economias alternativas ao modelo hegemónico do mercado global. Movimento que revelam formas de economias locais alternativas.

O contributo do debate sobre o pós-desenvolvimento criou um clima mais eclético e aproximações mais pragmáticas à questão do desenvolvimento e possibilitou a reconstrução

de novas agendas para os movimentos sociais, muitos deles através duma conexão entre a agenda política e económica às questões culturais. Segundo Escobar todas essas questões conduzem à interrogação sobre as formas de como se podem aprofundar as relações entre o desenvolvimento e a modernidade de forma a permitir emergir uma nova concepção sobre como o desenvolvimento pode ser concretizado e transformado.

Partindo da hipótese que o fim da modernidade e a emergência da globalização é já um momento de transição paradigmática, Escobar propõe uma nova abordagem para o conceito de pós-desenvolvimento. Uma abordagem que sendo emergente se torna difícil de definir, e portanto de nomear. Com a formalização desse pensamento recusa as análises teóricas que admitem que a globalização é um novo estágio de desenvolvimento do capitalismo, acentuando que esse é um novo momento que tem que ser pensado com novos instrumentos teóricos.

Aproxima-se dessa forma das propostas teóricas de alguns sociólogos, como Boaventura de Sousa Santos e Alain Joxe que recusam o modelo teórico de análise do capitalismo, construído com base na figura dos estados de desenvolvimento da economia, em que os processos de acumulação de capital geram crises que se resolvem pela sua superação que marca a emergência dum novo período com novas formas de acumulação. Acentua a proposta de Sousa Santos feita na “Crítica da Razão Indolente” (Santos, 2000), a defesa de que estamos no fim de um paradigma epistémico, marcado pela hegemonia do discurso científico, e por processos sociopolíticos fundamentados na regulação do poder e dos mercados. Na proposta de Alain Joxe feita no seu livro “L’Empire du chaos” procura demonstrar que o Império é um novo sistema. Uma nova organização que não emana dos tradicionais estados-nações, mas que se constitui como uma nova ordem mundial que não conhece fronteiras ou limites. Duas abordagens que, sendo convergentes com o pensamento de Escobar, não cabem aqui desenvolver.

Em suma, neste artigo Escobar defende que apesar de todas as suas limitações o conceito de pós-desenvolvimento é ainda útil e ajuda a pensar a modernidade. Mas não chega reconhecer essas limitações. É necessário aprofundar o trabalho teórico com base nas experiências práticas. Defende a necessidade de pensar a modernidade a partir da sua exterioridade (do que está para além), como um conjunto de multiplicidades. O desafio é pensar a partir da multiplicidade de trajetórias onde cada local tem de se pensar a si em relação com os outros lugares. Se a modernidade e a globalização criaram identidades fragmentadas, (diced identities) é necessário pensar a partir dessa diversidade como pluralidade e reconstruir caminhos diferenciados. Se aceitarmos o conceito de que temos que ultrapassar a ideia dos caminhos comuns que a modernidade parecia defender com a noção de desenvolvimento, e se aceitarmos que efectivamente estamos num período de transição paradigmática, isto significa, não só que os conceitos de desenvolvimento e terceiro mundo fazem parte do passado, como que necessitamos de criar novos nomes para as nossas práticas.

BIBLIOGRAFIA

Obras de Arturo Escobar

- 2014 "Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World", Arturo Escobar. Princeton University Press.
- 2011 "Territories of Difference: Place, Movements, Life, Redes (New Ecologies for the Twenty-First Century)". In Steiner, Claudia (April 2011). "Territories of Difference: Place, Movements, Life, Redes (review)". The Americas 67
- Escobar, Arturo(2007) 'Worlds and Knowledges Otherwise', Cultural Studies, 21: 2, 179—210

Outras Referencias bibliográficas

- Joxe, Alain (200) L' Impire du chaos", Paris ed. La Découverte
- Sachs, Wolfgang (1993). The Development Dictionary: A Guide to Knowledge as Power. London, Zed books
- Santos, Boaventura de Sousa (2000). A Crítica da Razão Indolente, Contra o desperdício da experiencias", Porto, Edições Afrontamento
- Santos, Boaventura de Sousa (2006). A Gramática do tempo: para uma nova cultura Política, Porto, Edições Afrontamento.
- Rist, Gilbert (2002. El desarrollo: história de una creencia occidental, Madris, Instituto Universitario de Desarrollo y Cooperacion.
- Ziai, Aram (2007) Exploring Post-Development: Theory and Practice, Problems and Perspectives", Routledge.